

COLÉGIO QUASAR: PRÁTICAS METODOLÓGICAS PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA

MANGUEIRA, Sandra Luíza Ávila

e-mail: sandramagueira@bol.com.br

OLIVEIRA, Mariana Alves

e-mail: mari_olival@uol.com.br

MARINHO, Camila Souza Pinto

Psicologia, Especialista em Planejamento, Organização e Recursos Humanos

e-mail: camila_2903@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar um estudo acerca da prática metodológica de ensino no Colégio Quasar, através de uma observação nessa instituição, realizando para isso visitas, entrevistas e questionários, o que permitiu adentrar no universo da pesquisa e coletar dados suficientes para tecer comentários e possíveis conclusões. Sendo assim, vale ressaltar a fundamentação teórica utilizada neste artigo consta com pressupostos de Catherine Twomey Fosnet, Mario Carretero, Iris Barbosa Goulart, entre outros, levando-se em conta a importância do construtivismo no contexto da educação, como uma forte ferramenta na luta pela socialização e proposta por um sistema de ensino mais eficiente e eficaz, e que faça do aluno um sujeito capaz de construir o seu conhecimento, e não um mero repetidor de verdades prontas para serem ingeridas.

PALAVRAS-CHAVE: construtivismo, ensino-aprendizagem, práticas metodológicas

1.0 INTRODUÇÃO

Sabe-se que a educação passa por um processo de mudanças que são, em sua maioria, necessárias. Nesse contexto, o professor também teve que acompanhar tais mudanças, o seu papel no contexto escolar também foi sofrendo alterações, e o ensino procurou novos caminhos para uma ressignificação do papel da escola no processo de ensino-aprendizagem. Com isso, criou-se uma expectativa maior sobre a escola e sobre o professor, posto que, a tendência é que estes sofram adaptações, diferenciando-se da imagem do mestre e da escola no ensino tradicional, e passando a levar o aluno ao desenvolvimento de suas competências e habilidades para com isso construir o seu próprio conhecimento.

Essa recente idéia de fazer o aluno sujeito de seu conhecimento foi uma tendência necessária para o contexto escolar, pois o ensino tradicional atribuiu ao professor a responsabilidade de passar assuntos com verdades indiscutíveis e inquestionáveis, e transformar o aluno num mero receptor de mensagens produzidas, o que o inibia de desenvolver o seu raciocínio crítico, tornando-o uma espécie de “robô” que tudo copia e repete.

O construtivismo, fiel ao princípio interacionista, procura demonstrar, ao contrário das demais tendências, o papel central do sujeito na produção do saber. Diferente das proposições tradicionais, o indivíduo é entendido pela epistemologia genética de Jean Piaget como:

(...) um sujeito que procura ativamente compreender o mundo que o rodeia e trata de resolver as interrogações que este mundo provoca. Não é um sujeito que espera que alguém que possui um conhecimento o transmita a ele, por um ato de benevolência. É um sujeito que aprende basicamente através de suas próprias ações sobre os objetos do mundo, que constrói suas próprias categoria de pensamento ao mesmo tempo que organiza seu mundo.” (Ferreiro & Teberosky, 1985, p.26)

O construtivismo entra para o cenário mundial a partir de estudos realizados por Jean Piaget buscando mostrar, através de seus estudos, que a própria criança exerce controle sobre a obtenção e organização de sua experiência no mundo exterior, considerando ainda que os esquemas simples vão se organizando, integrando-se a outros e formando os esquemas complexos, nisto as estruturas psicológicas desenvolvem-se gradualmente neste processo de integração com o ambiente e são compostas de uma série de esquemas integrados.

Para Piaget, o conhecimento não se trata de uma qualidade estática e sim uma relação dinâmica, o que quer dizer que para o indivíduo conhecer mais sobre algo, faz-se necessário que ele interaja com o objeto de conhecimento a partir de suas potencialidades genéticas.

Sobre o método cognitivo defendido por Piaget difere do ensino tradicional, porque o aluno diante de conhecimentos novos não é totalmente ignorante, nem tem que aprender tudo a partir da estaca zero, nem tão pouco é obrigado a compreender tudo o que aprendeu em um só dia.

As questões norteadoras desse artigo dizem respeito ao fato de saber, efetivamente, se o construtivismo está sendo aplicado corretamente no Colégio Quasar. Dentro desse contexto observou-se se as práticas pedagógicas utilizadas em sala de aula condizem com a proposta de ensino baseada na teoria construtivista, e se estas favorecem para o desenvolvimento cognitivo dos alunos da referida escola. Nesse campo, é dado um enfoque maior ao papel e formação do professor, como sujeito importante nessa nova perspectiva do processo de construção do conhecimento.

Desta forma, priorizou-se nesse artigo a apresentação de um estudo sobre as práticas metodológicas no Colégio Quasar, fazendo uso de uma pesquisa bibliográfica para servir de suporte teórico ao que o presente trabalho pretende estudar.

A coleta de dados foi conseguida a partir das entrevistas e observações feitas no colégio, em que se procurou conhecer a estrutura do prédio, bem como as suas condições físicas e climáticas. Dentro desse contexto, observou-se a relação entre professor-aluno, aluno-aluno, como também as práticas metodológicas da professora e o material utilizado como recurso na aula.

A sala de aula que é do 2º ano da educação básica possui 9 alunos, entre os quais percebeu-se a inclusão de alunos portadores de necessidades educativas especiais, os quais a professora procura atribuir uma prática pedagógica diferenciada, sendo que até mesmo os materiais didáticos são específicos para atender às necessidades de cada um.

Segundo informações apuradas, o Colégio Quasar atua para a construção do conhecimento da criança e o seu desenvolvimento cognitivo. Nesse contexto, Davis (1998, p.91) fala que “o professor é um mediador competente entre o aluno e o conhecimento, alguém que deve criar situações para a aprendizagem, que provoque desafios intelectual, por isso, seu papel é o de interlocutor que assinala, salienta, orienta e coordena”.

Assim, espera-se que as mudanças no ensino, bem como as metodologias aplicadas sejam refletidas e levem os professores a adquirirem uma postura dinâmica, conforme versa a proposta construtivista, por isso, há uma enorme urgência em se repensar a atuação da escola na vida das pessoas.

2.0 REVISÃO DE LITERATURA

Há muitos anos espera-se do professor uma postura mais eficaz, pois as necessidades e exigências da sociedade já não são as mesmas, já que o Brasil passa por um processo acelerado de industrialização e informatização, e a tendência é fazer o homem pensar e refletir

sobre o seu mundo, tornando-se capaz de criar conceitos e tomar atitudes por conta própria. Porém, se a educação estiver centrada nas propostas do ensino tradicional não se pode esperar muito das pessoas, pois as “fórmulas de conhecimento” espalhadas pelas salas de aula de cunho tradicional, não fornecem subsídios necessários para fazer do aluno um sujeito capaz de mostrar suas potencialidades.

Dentro das novas tendências para propostas na educação, o construtivismo se encaixa como um resultado de lutas e anseios de educadores e estudiosos que buscaram, ao longo de vários anos, apresentar uma alternativa para o aprimoramento das práticas metodológicas no âmbito escolar.

Mário Carreteiro define o construtivismo como:

(...) uma idéia que sustenta que o indivíduo – tanto nos aspectos cognitivos e sociais do comportamento como nos afetivos – não é um mero produto do ambiente nem um simples resultado de suas disposições internas, mas, sim, uma construção própria que vai se produzindo, dia a dia, como resultado da interação entre esses dois fatores. (2002, 10)

Percebe-se que diante dessa perspectiva, não se encaixa a questão que envolve o professor apenas passando conteúdos, na maioria das vezes, descontextualizados, e vendo no aluno um “baú” em que se pode depositar todas informações contidas no currículo.

Essa construção ressaltada pelo construtivismo trata-se do resultado das práticas de envolvimento diário do aluno com o objeto de estudo, por isso não basta apenas a apresentação de conceitos, mas deve haver um elo de ligação entre o sujeito e tudo que se encontra presente ao seu redor.

Uma forma de se entender isso, segundo Carreteiro (2002) é o fato da criança só ter noção sobre a utilidade de um determinado objeto quando lhe é possibilitada a sua aproximação, assim, ela só pode construir algum conceito ou ter noção do mesmo, quando entra em contato direto com o objeto.

Conforme Carreteiro (1993, p.13), Piaget e Vygotsky são os estudiosos que mais contribuíram com idéias na fundamentação e elaboração do pensamento construtivista direcionando os seus estudos basicamente para o contexto da educação.

Segundo Piaget o conhecimento é um produto da interação social e da cultura. Ainda que seja certo que a teoria de Piaget nunca tenha negado a importância dos fatores sociais no desenvolvimento da inteligência também é certo, conforme diz Carreteiro (1993, p.13) que “(...) foi pequena a sua contribuição a respeito, exceto numa formulação muito geral de que o indivíduo desenvolve seu conhecimento em um contexto social”.

Vygotsky concebeu a idéia de que o sujeito é um ser eminentemente social, seguindo ele a linha marxista, atribuindo ao próprio conhecimento como um produto social. De fato Vygotsky foi um autêntico pioneiro ao formular alguns postulados que foram retomados pela psicologia, várias décadas mais tarde, dando lugar a importantes observações sobre o funcionamento dos processos cognitivos. É provável que seja uma das mais importantes a idéia que se sustenta de que todos os processos psicológicos superiores são adquiridos primeiro num contexto social, e depois, se internaliza. Assim acrescenta Carreteiro que a internalização é um produto do uso de um determinado comportamento cognitivo num contexto social, como diz Vygotsky:

Um processo interpessoal fica transformado em outro intrapessoal. No desenvolvimento cultural da criança, toda função aparece duas vezes: primeiro na escala social e, mais tarde, na escala individual; primeiro, entre pessoas (interpsicológica) e, depois, no interior da própria criança (intrapicológica). Isto pode ser aplicado, igualmente, à atenção voluntária, à memória lógica e à formação de conceitos. Todas as funções psicológicas superiores se originam como relações entre seres humanos. (apud Carreteiro, 1978, p.92-94)

As diferenças encontradas nos mais diversificados ambientes sociais das crianças (incluindo o doméstico, o escolar, o de trabalho, etc) promovem aprendizagens diversas que passam a ativar processos de desenvolvimentos também diversos. Portanto, a

aprendizagem precederia o desenvolvimento intelectual, ao invés de segui-lo ou de ser com ele coincidente. Tal conceito é de extrema importância para um ensino efetivo.

Apenas conhecendo o que as crianças são capazes de realizar com ou sem ajuda externa é que se pode conseguir planejar as situações de ensino e avaliar os progressos individuais. Assim, o papel da educação e, conseqüentemente, o da aprendizagem ganham destaque na teoria de desenvolvimento de Vygotsky, conforme diz Davis (1994, p.54) “a qualidade das trocas que se dão no plano verbal entre professor e alunos irá influenciar decisivamente na forma como as crianças tornam mais complexo o seu pensamento e processam novas informações”.

Fosnot (1998) revela que o construtivismo trata-se de uma teoria que interpreta a aprendizagem como um processo de construção representativo, realizado por aprendizes ativos que interagem com o mundo físico e social. Portanto, conforme a autora:

(...) Trata-se de uma teoria psicológica da aprendizagem que descreve como se chega a estruturas e compreensões conceituais mais profundas, em vez de simplesmente caracterizar estruturas e estágios de pensamento, ou isolar comportamentos aprendidos através de esforço. O desafio para os educadores é determinar o que este novo paradigma traz à prática de ensino. (1998, p.51)

De acordo com os pressupostos da teoria construtivista a escola deve possuir uma proposta desenvolvimentista, cujo objetivo esteja em possibilitar às crianças o desenvolvimento das estruturas lógicas necessárias à aprendizagem de nível operatório, como diz Goulart (1995).

Em suma, o construtivismo é uma teoria sobre a aprendizagem, que serve para auxiliar na proposta de uma educação mais preocupada com o indivíduo e não centrada no objeto, transmitindo ao aluno a importância de suas capacidades em criar, construir, e fazer-se sujeito do saber. Dessa forma, convém destacar alguns pontos segundo Fosnot (1998), pois é importante saber que:

Aprender não é o resultado do desenvolvimento; aprender é desenvolvimento. A aprendizagem requer invenção e auto-organização por parte do aprendiz. (...) Os erros precisam ser percebidos como resultado das concepções do aprendiz e, portanto, não devem ser minimizados ou evitados. (...) A aprendizagem avança em direção ao desenvolvimento de estruturas. À medida que os aprendizes se empenham para produzir significados, mudanças estruturais progressivas dos pontos de vista são construídas – em certo sentido, grandes idéias. (1998, p.45)

Portanto, acreditar na proposta do construtivismo significa crer no potencial do aluno e na sua capacidade de criar, inventar e se desenvolver, colocando à margem a postura tradicionalista vazia de participação, e atitudes espontâneas tanto do professor como também dos alunos.

2.1 Prática pedagógica: o construtivismo na escola

Na atualidade uma questão que vem preocupando a muitos estudiosos é como o construtivismo está sendo trabalhado na escola, pois há grandes dificuldades do professor no que diz respeito a sua preparação atendendo às perspectivas construtivistas.

O uso deturpado da teoria construtivista tem gerado estratégias equivocadas de ensino que objetivam a forma simplista de ampliar os conhecimentos dos estudantes sem ao menos abrir espaço para a capacidade que o aluno tem em impor seu conhecimento, a sua opinião, enfim, impor-se como ser pensante. Esta “ante-posição” vai de encontro com os conceitos científicos, provocando a insatisfação dos alunos, dos próprios profissionais da área de ensino e do país. Desta forma, as aulas passam a ser desnecessárias e descontextualizadas da realidade do aluno.

Os problemas a serem enfrentados pelos profissionais que almejam trabalhar segundo o conceito construtivista, são inúmeros, e têm gerado um certo desconforto para aqueles que buscam e conhecem o construtivismo, pois, diante da sua má interpretação, o

construtivismo fica visto como uma teoria que não merece muitos méritos. (CARRETEIRO, 2002)

Assim, assegura Mário Carreteiro (2002), que “o ensino deveria ser proposto como um conjunto de ações direcionadas a favorecer precisamente o processo construtivo”.

Sabe-se que é preciso que na escola a postura do professor mude, pois o aluno de mero sujeito passivo passa a agir ativamente na sala, deve haver uma grande partilha de conhecimentos e saberes, já que estes vêm de ambos e as experiências devem ser passadas tanto do professor para o aluno como do aluno para o professor.

Um outro problema que o professor tem que enfrentar é a falta de livros, que, conforme Deheinzelin (1993, p.157) “são veículos corriqueiros de transmissão do conhecimento, são quase inacessíveis e o sistema gráfico brasileiro está muito longe da rapidez com que nós precisamos veicular os novos conhecimentos”. Com isso, fica difícil para muitos professores tomarem conhecimento dos novos estudos sobre a educação, e quando chega, muitas vezes, alguns professores mantêm-se esquivados para não terem o trabalho de mudar, já que o novo sempre é temido.

Defende-se, dessa forma, o olhar/agir do professor, no sentido de que este não seja neutro com relação às novas concepções da educação, e a dimensão que a escola atingiu dentro do contexto de fazer do ambiente escolar um lugar em que as pessoas sejam preparadas para lidar com as diversas situações em seu convívio social.

Conforme fala Chauí (1980, p.39) “O diálogo do aluno é com o pensamento, com a cultura corporificada nas obras e na práticas sociais e transmitidas pela linguagem e pelos gestos do professor, simples mediador”. Essa idéia do professor como “mediador” ou “facilitador” da aprendizagem, não é nova, posto que, ao se recordar à história da educação e

da filosofia, pode-se encontrar no passado propostas presentes nas idéias de Rousseau, e na Escola Nova de Dewey. (Rosa, 2002)

Na perspectiva construtivista o aluno é o centro do pólo de aprendizagem, devendo estar constantemente mobilizado para pensar e construir o seu próprio conhecimento. Entretanto, isto não significa deslocar o professor a um papel secundário, como se houvesse apenas um lugar privilegiado, em sala de aula, a ser disputado. (Rosa, 2002)

Segundo Freitas (apud Alves, 1996, p.89) o tema da formação do educador não tem sido considerado uma área de pesquisa significativa por parte dos próprios educadores, sendo este o principal entrave, pois impede que eles passem para um estágio mais evoluído dentro do campo das novas concepções da educação.

Moreira (apud Alves, 1996, p.39) aponta para a questão de que a atitude do professor na contemporaneidade tende a mudar, ou isso acontece, ou ele fica à margem dos novos rumos da educação. Por isso, ele deve tomar a prática vivida pelos alunos como ponto inicial do planejamento e implementação do currículo e do ensino. Mas, muitos professores ignoram os estudos feitos sobre a prática pedagógica nos últimos anos, e vivem distantes de todo o conhecimento e conceitos renovados. Entretanto, torna-se indispensável que o professor acredite na capacidade crítica e criativa do aluno, procurando com isso dar condições para que eles desenvolvam as suas capacidades, e adquiram novas competências e habilidades.

Mas, uma questão pode ser levantada desse contexto: Como ajudar o professor a adquirir, em sua formação, condições de melhor enfrentar as dificuldades envolvida no problema em pauta? A resposta que emerge diante dessa questão é a promoção da capacitação e revitalização dos cursos de formação de professores, também a luta por melhores salários, a luta pela transformação das relações de trabalho a que é submetido o profissional do ensino, bem como a aliança com outros setores organizados da sociedade civil, o que significa atribuir

ao professor a incumbência de se integrar na luta para eliminação de toda e qualquer opressão, sendo que o processo em que se dá a aprendizagem deva ser constituído de momentos ricos, em que o aluno descubra como construir o seu conhecimento, e o professor aprenda com ele o caminho para adequar e construir, também, o seu próprio conhecimento.

Um dos argumentos, utilizados em particular por professores que rejeitam a abordagem construtivista, é de que não é possível trabalhar nessa linha em classes numerosas. Seria o caso de se perguntar se é possível trabalhar bem, em qualquer linha, em classes numerosas, antes de mais nada, salas de aulas superlotadas é um problema político, não é um problema teórico. Muitos ou poucos alunos passam, necessariamente, pelo mesmo processo de aprendizagem, independentemente da abordagem metodológica utilizada pelo professor.

Para adotar o construtivismo na escola muitas coisas têm que ser mudadas, pois deve-se esquecer da velha ordem de cadeiras enfileiradas, aluno sendo tratados como robôs e sendo levados para qualquer lugar que o professor professasse. Tudo isso muda com o construtivismo. O aluno passa a ter mais atenção e passa a ser o principal foco da aula, pois é a partir dele que o conhecimento vai nascendo. (DEHEINZELIN, 1993)

Seguindo o raciocínio dessa teoria, Deheinzelin ressalta que,

Se quisermos ser construtivistas, se quisermos achar que Piaget tinha razão, nós todos temos que saber que cada um de nós é portador de uma capacidade de construir. Cada um de nós é chamado a participar deste construção coletiva, e só dessa forma seremos efetivamente democráticos na construção de propostas de ensino, de propostas didáticas, de propostas pedagógicas, para a escola que abarca apenas uma pequena fatia de problemática da aprendizagem. (1993, p.159)

Deve-se acrescentar a importância do educador em obter uma consciência de que não basta apenas dizer que trabalha com a concepção construtivista, é preciso que ele se conscientize que mudanças têm que ser feitas, não adianta procurar usar o construtivismo para forçar mais o aluno e retirar um pouco da responsabilidade do professor no processo de

ensino-aprendizagem, pois a postura que deve ser tomada condiz mais com a questão de trabalhar com união do que manter-se na individualidade, está mais para a socialização do que para a concretização do sujeito na sala de aula.

2.2 Desenvolvimento cognitivo e o colégio quasar

Toda aprendizagem resulta de alguma mudança ocorrida no comportamento daquele que aprende. Assim, observam-se mudanças na maneira de agir, de fazer coisas, de pensar em relação às elas e às pessoas, e de gostar, ou não gostar, de sentir-se atraído ou retraído dos agrupados em autoritarismo.

A aprendizagem cognitiva é aquela em cujo processamento predominam os elementos da natureza intelectual, tais como a percepção, raciocínio, memória e etc.

O método cognitivo não acredita no ensino tradicional, porque o aluno diante de conhecimento novo, não é totalmente ignorante, nem tem que aprender tudo a partir da estaca zero, nem tão pouco é obrigado a compreender tudo o que aprendeu em um só dia. Como diz Piaget,

Todos os sucessos e fracassos da atividade se registram em uma espécie de escala permanente de valores, os primeiros elevando as pretensões do sujeito e os segundos abaixando-as com respeito às ações futuras. Daí resulta um julgamento de si mesmo para o qual o indivíduo é conduzido, pouco a pouco, e que pode ter grandes repercussões sobre todo o desenvolvimento. (1967, p.39)

O desenvolvimento é fundamentalmente um processo de equilíbrio sucessivo que conduz a maneira de agir e de pensar, onde apresenta períodos e estágios definidos, pelo segmento de novas formas de organização mental. Com a adaptação cognitiva, a assimilação e acomodação, os funcionamentos intelectuais são caracterizados pelos processos invariantes,

todo ato inteligente e ações equilibradas consistem em uma adaptação intelectual onde os conhecimentos são organizados com coerência. Para que se possa acompanhar e avaliar o desenvolvimento da criança na escola, devendo-se prestar atenção ao seu comportamento, suas habilidades e promover o seu desenvolvimento cognitivo e social, ampliando suas experiências e conhecimentos ajudando-a a superar suas próprias dificuldades e viver de forma eficiente na escola.

Em visita para análise das práticas metodológicas no Colégio Quasar, notou-se que o propósito da escola é levar a criança a pensar, criar e inventar novas formas de construir, descobertas sozinhas ou pelo conhecimento através de outros e da experiência com o meio que o cerca.

Com o objetivo de refletir sobre as práticas pedagógicas foi feito registro das atividades realizadas através de observações postas em relatório, por escrito, não somente da atividade em concreto, mas também do significado da consigna dada pela professora, do resultados obtidos no desenvolvimento das crianças e finalmente das variações ou modificações que se poderiam incorporar a essa proposta. Dentro das práticas metodológicas do Colégio Quasar, notou-se que ele trabalha enfocando a construção do conhecimento, e que os seus professores são aptos para desenvolver as atividades de forma criativa e dinâmica.

De acordo com os dados coletados no Colégio Quasar a metodologia utilizada é a da Pedagogia de projetos, conforme mencionado pela Professora Karla Gisele da Silva Ferreira. Ainda segundo a mesma, há uma relação aberta entre professor-aluno, em que os educandos têm a liberdade de se expressar, falando as suas opiniões, gostos e o que convier ao contexto da aula. Também a família participa ativamente do convívio escolar buscando acompanhar minuciosamente o desenvolvimento da criança.

No que concerne ao processo de avaliação, a professora mencionou no questionário que acontece de forma processual, ou seja, os alunos são avaliados tanto cognitivamente, quanto de acordo com o seu desenvolvimento formativo. Assim, leva-se em consideração o comportamento ético, a assiduidade com os materiais e atividades, bem como o interesse e a participação assídua dos alunos nas situações construtivas de conhecimento.

3.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As metodologias na prática de ensino requer transformação. Diante disso, cabe aos futuros professores se prepararem para atuar num campo de trabalho diferente, pois, cada vez mais o aluno espera do professor uma postura mais dinâmica, mas interativa, e neste contexto o professor deve estar preparado para corresponder de maneira mais ativa, ou seja, fazendo do espaço que é a escola, em específico a sala de aula, o lugar onde se constrói, ou seja ajuda a construir o conhecimento.

O modelo tradicional de ensino, ao reduzir o aluno à escrivão de “pontos” dos programas, segue caminho inverso: delimita e restringe a capacidade de criar. É possível, no máximo, que possibilite ao professor enriquecer os seus próprios conhecimentos, através da prática narcísica de dar aula para si mesmo. A opção por um ensino marcadamente mais objetivo, técnico, e que vislumbre no uso de recursos didáticos mirabolantes a possibilidade de treinar habilidades específicas, conseguiu apenas desenvolver nos estudantes uma mentalidade lotérica, em que o saber ficou reduzido ao maior número de pontos em testes que não exigem o menor esforço de raciocínio. (Rosa, 2002).

É desses fracassados modelos que vem surgindo, com maior ênfase nos últimos anos, a necessidade de pensar uma nova proposta pedagógica cuja preocupação central seja a inteligência. É nesse contexto que se coloca a importância de dar atenção à perspectiva construtivista. Contudo, tendência à simplificação, que tanto se deve à ineficácia dos programas de reciclagem dos professores como também ao reduzido compromisso de muitos de inteirar-se do assunto, redundando em julgamentos apressados, preconceitos e em práticas equivocadas.

Assim, chega-se no ponto chave em que se indaga qual o papel do professor no Colégio Quasar para o desenvolvimento cognitivo no tempo em que as tecnologias “dominam” e os alunos têm tamanha facilidade de entrar em contato com várias informações em segundos, o educador precisa tomar uma atitude diferente da tradicional. É neste aspecto que a concepção construtivista adotada por essa escola ajuda a encontrar o caminho para que ele seja um educador capaz de levar ao aluno, não só novos conhecimentos, como fazer com que este sinta-se à vontade para discutir, questionar, conhecer, criticar, construir, formular novas denominações, entre outras aptidões.

Ao entrar em contato com a metodologia de ensino aplicada no Colégio Quasar, percebeu-se que a sua forma de atuação pedagógica é diferente das demais escolas, posto que, o aluno é visto como o elemento mais importante no processo de construção de conhecimento, e que também a liberdade de ação e criação é algo que marca a rotina da escola. Os professores, nesse contexto, buscam priorizar as atividades que dão dinamismo às aulas e que fazem com que o aluno procure resolver problemas nas situações que lhes são impostas a cada dia letivo.

É na relação do professor-aluno que se instaura, de fato, o processo ensino-aprendizagem. Por isso, sem medo de errar, pode-se dizer que as chances de sucesso ou insucesso do trabalho pedagógico, dentro da perspectiva de uma prática construtivista,

depende, em grande parte da qualidade dessa relação, pois através dela é possível extrair toda uma concepção de educação centrada no respeito e na cumplicidade, imprescindível no convívio escolar.

Portanto, o que tem que ser colocada em pauta é que a prática metodológica adotada pelo Colégio Quasar, realmente funciona nesse espaço escolar, dando a chance de mudar o mundo, ou de (re) construí-lo, através de professores orientadores favorecendo o processo de ensino-aprendizagem. Faz-se necessário dizer que a resposta encontra-se na força e na vontade de mudar, de construir, interacionalidade e principalmente no respeito, perceptível na relação estabelecida entre professores e alunos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. **Formação dos professores: pensar e fazer**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da aprendizagem**. Editora Vozes: Petrópolis, 1987.
- CARMO, Terezinha Moreira Guerra do. **A construção da escrita na educação infantil: Estudo de caso na Escola Quasar – Centro de Excelência de Ensino**. Aracaju, 2004.
- CARRETEIRO, Mário. **Construtivismo e educação**. Trad. Jussara Haubrt Rorigues. – e ed. rev. aum. – Porto Alegre: Artmed Editora S.A., 2002.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. **Ideologia e educação**. São Paulo: Cortez, 1980.
- DAVIS, Cláudia; O LIVEIRA. **Piaget: sugestões aos educadores**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- DEHEINZELIN, Monique. **Construtivismo: A poética das transformações**. Editora Ática: São Paulo, 1996.
- FARIA, Anália Rodrigues de. **Desenvolvimento da criança e do adolescente segundo Piaget**. 4 ed. São Paulo, 2001.
- FERREIRO, Emília. **Atualidade de Jean Piaget**. Editora, Artmed. Porto Alegre, 2001.
- FOSNOT, Catherine Twomwy. **Construtivismo: teoria, perspectivas e prática**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- GOULART, Iris Barbosa. **A Educação na perspectiva construtivista: reflexos de uma equipe interdisciplinar**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- LIMA, Lauro de Oliveira. **Piaget: sugestões aos educadores**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- ROSA, Sanny S. da. **Construtivismo e mudança**. 8 ed. São Paulo, Cortez, 2002.

Sites consultados

Disponível em: www.quasar-aju.com.br. Acesso realizado em 20 de maio de 2007.

Disponível em: www.wikipedia.com.br. Acesso realizado em 20 de maio de 2007.

